

O passado não ficou para trás.
Está só à espera.

A teal pen is positioned diagonally across the cover, pointing towards the bottom left. A thick, textured red ink trail follows the path of the pen's tip, extending across the lower part of the title. The title 'ponto final.' is written in a large, bold, red serif font, with the word 'ponto' on the top line and 'final.' on the bottom line. The period at the end of 'final.' is stylized as a cluster of small red dots.

ponto
final.

Autor de *A mulher na janela*,
com mais de 5 milhões de livros vendidos

A. J. Finn

para
Jennifer Joel
e
Felicity Blunt

Sim, e até nas famílias refinadas,
nas famílias ricas, nas grandes famílias...
você não faz ideia... das coisas que acontecem!

A casa soturna

Terça-feira, 23 de junho

EM INSTANTES ELA SERÁ ENCONTRADA.

Encontrada onde está boiando, os dedos bem abertos na água que, por conta do movimento, tem um aspecto marmorizado, os cabelos espalhados como um leque japonês. Peixes deslizam por baixo dos fios e os atravessam; patinam pelo contorno do corpo dela.

O filtro zumbe. O lago cintila e tremeluz. Ela estremece na superfície.

De manhã mais cedo, a neblina cobria o chão, uma neblina em espiral, típica de São Francisco, grossa como veludo e fria, mas agora seus últimos resquícios estão se dissipando e o pátio está banhado de luz: o pavimento de pedras, o relógio de sol, os narcisos enfileirados. E o lago, aquele círculo perfeito afundado junto ao muro da casa, com seus peixes reluzentes e as folhas de lótus que parecem estrelas.

Em instantes, um grito vai cortar o ar.

Até lá, tudo permanece imóvel e em silêncio, a não ser pelo leve ondular da água, pelo tráfego lento das carpas e pelas ondas provocadas pelo cadáver dela.

Do outro lado do terraço, as portas envidraçadas se abrem, fazendo o sol refletir na vidraça. Um arquejo. Então o grito.

Ela foi encontrada.

Seis dias antes
Quarta-feira, 17 de junho

1.

– A SENHORA GOSTA DE MISTÉRIOS?

Nicky olha de relance pelo espelho retrovisor. O taxista a encara com olhos semicerrados através de lentes redondas e grossas como o fundo de um copo de tequila.

– É que a senhora parece estar lendo um livro de mistério – diz ele com a voz rouca.

O carro passa por um buraco e estremece.

Ela brande o livro de capa mole.

– Agatha Christie. *Morte na Mesopotâmia*.

O cara gosta de conversar, e Nicky sempre tenta agradecer. Ser taxista deve ser um trabalho solitário.

– A senhora fuma?

– Não.

– Que bom. – Ele enfia um cigarro entre os dentes. – É bonita demais pra morrer jovem.

Ele acende o cigarro com um isqueiro surrado, e Nicky aciona o controle de abrir a janela. O ar branco, frio e úmido invade o carro e toma conta do banco de trás. Ela torna a acionar o controle até deixar apenas um centímetro da janela aberta e inclina a cabeça em direção ao vidro, onde consegue distinguir o próprio reflexo: cílios pontudos de rímel, a boca lustrosa de brilho labial. Ela não é tão bonita assim; sabe disso e não liga muito.

O táxi sacoleja. Sua bolsa cai no chão.

– Acho que o senhor encostou no meio-fio.

– Ah, é, paciência. – O taxista encara o retrovisor com uma cara feia.

– Me espanta os aviões estarem pousando. Foi um milagre a senhora ter conseguido aterrissar.

Para Nicky, que não anda muito de avião, aterrissar é sempre um milagre. Ela olha para além do motorista em direção à maré estagnada da neblina do final do dia. Parece perolada à luz dos faróis.

– Que tempo horrível para junho. Aposto que lá no leste o tempo não é assim.

– Não.

Lá no leste... Falando assim parece um lugar mítico, a uma distância impossível.

O taxista grunhe, satisfeito, em seguida aciona a seta ao mesmo tempo que o carro faz uma curva fechada e começa a subir uma ladeira. Nicky se segura no cinto de segurança.

– Mas eu estava falando de mistérios. – A fumaça sai da boca do taxista, rodopiando no ar frio. – São Francisco tem muitos mistérios. Já ouviu falar no Assassino do Zodíaco?

– Ele nunca foi pego.

– Pois é... nunca foi. – Ele faz uma careta no retrovisor. Nicky fica quieta: a cidade é dele, a história é dele. – Ele é o nosso Jack, o Estripador. Aí a gente teve também o *Romance dos céus*. Foi um avião comercial que desapareceu nos anos 1950. Estava indo para o Havaí, e do nada... – Um trago no cigarro. – Desapareceu. – Uma baforada.

– O que aconteceu com... o avião?

– Vai saber... A mesma coisa o dirigível fantasma. Foi durante a guerra: uma dupla de soldados zarpou flutuando num Goodyear e, quando ele se espatifou em Daly City, não tinha ninguém a bordo. É um mistério, como eu di... olha ali! – Ele acena com a mão à direita. – A casa mais antiga aqui de Pacific Heights.

Nicky consegue ver uma casa branca em estilo vitoriano com janelas que parecem dois olhos arregalados, recuada em relação à rua como se tivesse levado um susto.

– Construída cinquenta anos *antes* do terremoto – narra o taxista, contando vantagem. – Já era uma casa de meia-idade, e *sobreviveu*.

– A casa parece surpresa – observa Nicky. – Como se não conseguisse acreditar que continua de pé.

O homem torna a grunhir.

– Nem eu acredito que esteja.

Eles seguem avançando. De ambos os lados, placas de sinalização brancas reluzem em meio à neblina como dedos fantasmagóricos apontando para a frente: *Por aqui, siga em frente*.

– A senhora disse que era de Nova York?

– Disse.

– Bom, este *aqui* é o bairro mais caro do país.

As casas assomam dos dois lados da rua, espectrais em meio à névoa: senhoras oitocentistas, esbeltas e empertigadas, todas vestidas em tons pastel; um casarão em estilo espanhol coberto de hera; uma casa imitando o estilo Tudor, com vigas e gesso por cima de tijolos dispostos em padrão espinha de peixe; duas em estilo rainha Ana, cujo acabamento de madeira parece uma toalhinha de bandeja rendada.

– Algumas são do pessoal da tecnologia – informa o taxista. – Google, Uber. Aliás, a Uber, vou te contar... – Ele fecha a cara, mas não fala nada. – Mas ainda tem muitos herdeiros por aqui. Gente rica desde sempre.

O vapor assombra as ruas adiante. Eles vão avançando por protuberâncias no asfalto em ondas que ora sobem, ora descem. Nicky recupera o fôlego.

– Aqui em São Francisco também tem autores de mistério. Dashiell Hammett... ele morava ali atrás. Na Post Street.

Mais uma placa surge em meio à bruma, instando-os a seguir em frente. *Continuem. Por aqui.*

– Ah, vamos ver se a senhora conhece essa. – Ele masca o cigarro. – Um autor de mistério que morava em... onde era mesmo, Pac Heights? Algum lugar bacana. Aí numa noite a mulher e o filho do cara sumiram.

Nicky estremece.

– Do nada. Que nem o tal avião. Deve fazer uns 25... não, uns vinte anos. Foi na véspera do ano-novo de 1999.

As palavras flutuam numa nuvem de fumaça e ficam balançando ali feito boias.

– O que houve com eles?

– Ninguém sabe! Teve gente que desconfiou do irmão, digo, do irmão do escritor, da mulher dele e até dos dois. Teve gente que jurou que tinha sido o filho. O filho do irmão, digo. Tinha uns funcionários também, um cara e uma garota. Mas a maioria... – Eles dobram uma esquina. – *A maioria* acha que foi o próprio escritor. Pronto, aqui estamos – anuncia ele ao mesmo tempo que o táxi freia junto ao meio-fio com um cantar de pneus, fazendo Nicky ser projetada para a frente e o livro escorregar de seu colo.

Ela observa o taxista deixar o banco do motorista e dar a volta até o porta-malas; a brasa de seu Marlboro cintila em meio à neblina, brilhante como um fogo-fátuo.

Nicky enfia o livro de volta dentro da bolsa. Inspira fundo, dá uma tosse – o interior do carro tem o mesmo cheiro de um cinzeiro –, então empurra a porta e sai para o meio da névoa. Parece uma rua fantasma; os vultos das casas mal passam de sombras e as fachadas parecem caveiras encarando-se de um lado a outro da rua. Ela torna a estremecer.

– A senhora veio precavida com esse suéter – comenta o taxista enquanto a porta se fecha atrás dela com um baque.

Nicky olha para si mesma. É sua peça de roupa mais cara: um suéter de caxemira simples, cinza-escuro com gola em V, recém-lavado a seco. Em algum ponto sobrevoando Nebraska, ela tinha derrubado cerveja na parte da frente dele. A calça jeans, pelo visto, continua coberta de pelos de cachorro, mesmo ela tendo passado um fuso horário inteiro tentando limpá-la com a ajuda de uma pinça.

Quando torna a erguer os olhos, o taxista está encarando boquiaberto a subida íngreme do acesso de carros da casa. Ele se vira para ela.

– É essa a tal casa – diz ele. – A do mistério. A senhora sabia?

– Me pegou no flagra.

E é como ela está se sentindo mesmo.

– Então pode me explicar por que me deixou ficar falando...?

– Eu não quis interromper – explica ela com delicadeza.

Não teve a intenção de enganá-lo. Mas ela já leu tudo sobre a esposa e o filho desaparecidos; a essa altura, sabe tanto quanto qualquer um pode saber. Ou quase qualquer um.

O taxista dá um trago no cigarro e o joga na rua, fazendo-o traçar uma cauda de cometa atrás de si.

– Quem diria. Está só de visita?

Ele olha para sua bagagem: uma mala de rodinhas compacta e uma pequena mala vintage estilo baú, com fechos de couro e tachinhas, toda coberta por etiquetas de viagem.

– Vou ficar pouco tempo.

Ela enfia a mão dentro da bolsa e saca três notas de vinte e uma de cinco.

Ele acaricia as notas.

– Quase não vejo mais dinheiro vivo.

– Sou das antigas.

– E a senhora não está com medo? Não acha que ele matou os dois?

Ele fala em voz baixa, como se estivesse perguntando se ela não acha que bebeu demais.

– Tomara que não – responde Nicky com a voz animada.

– Bem. Aproveite seu mistério, então.

Ele passa na sua frente numa lufada de nicotina; Nicky se pergunta se ele está se referindo à morte na Mesopotâmia ou ao desaparecimento em São Francisco. Quando ele se senta de novo no banco do motorista, o carro emite um chiado, assim como o próprio taxista.

– Aproveite a cidade também – diz ele. – São 130 quilômetros quadrados cercados de realidade.

A porta bate com força.

Nicky continua encarando a própria bagagem, de costas para o táxi. O motor pigarreia; o escapamento cospe fumaça na sua perna; ela fica ouvindo o carro se afastar.

Quando ela se vira, a neblina se adensou e congelou, e agora está lisa e imóvel feito um espelho, como se o táxi e o motorista nunca tivessem estado ali.

2.

ELA FICA PARADA EM MEIO À NÉVOA, os braços cruzados e as mãos envolvendo os próprios ombros: um abraço em si mesma, como costuma fazer quando está animada ou apreensiva – ou ambos. Atrás de si, sente a casa prendendo a respiração. Faz o mesmo.

Nicky geralmente não é muito chegada num drama – entre as amigas, é conhecida por ser a mais gentil e a mais racional –, mas esperou cinco anos para se apresentar. Sua mente volta no tempo: cinco verões, um borrão azul-elétrico; cinco invernos, Manhattan debaixo de neve; cinco anos exatos, naquele mesmo mês, desde que havia escrito aquela primeira carta.

Prezado Sr. Trapp: O senhor não me conhece...

Nicky já tinha mandado cartas de fã para autores de mistério quando adolescente, implorando por explicações e autógrafos. Mais tarde, na pós-graduação, houvera mais cartas atenciosas e mais perguntas inquisitivas. Ela ainda segue se correspondendo com os poucos dispostos a sair da frente da tela e colocar cartas no correio. Nicky, uma sentimental, valoriza a caneta e o papel. A tinta se entranha nas fibras para se tornar indelével feito uma cicatriz; já um e-mail não passa de um hálito quente numa vidraça, e no mesmo instante se desfaz.

Então, num final de mês de julho, chegou um envelope azul-claro com seu nome escrito, gravado fundo no papel: *Sr. ou Sra. Nicky Hunter*.

Ela inspecionou o verso, viu o endereço de São Francisco. Abriu um leve sorriso.

Passou três semanas preparando uma resposta antes de enviá-la. (*Prezado Sr. Trapp: Na verdade, eu sou mulher.*) Outro mês, outro envelope azul. E assim continuou pelo outono e inverno adentro até o ano-novo, até quatro outras cartas – talvez um ou dois parágrafos escritos por ela, e umas poucas frases por ele – e a correspondência mais recente, datilografada naquela mesma tinta falhada, com as letras todas amontoadas e se esbarrando como passageiros de um navio. **Estamos ansiosos para recebê-la em nossa casa.**

Ela esfrega os braços. Vira-se devagar. A névoa se adensa e se abre

como uma cortina, desvendando a casa acima dela em uma imensa onda congelada.

O estilo é *château revival*, de um bege bem claro, construída por Bliss e Faville em 1905, um ano antes do terremoto; desde então, ali viveram apenas quatro famílias, contando os ocupantes atuais. “Uma das mansões mais elegantes e de bom gosto de Pacific Heights, com uma vista espetacular para a ponte Golden Gate”, declarava a revista *Architectural Digest* em matéria intitulada A CASA MISTERIOSA. “Grandiosa nas proporções, graciosa na decoração e protegida por seu possessivo proprietário.” O tom do texto era tão arquejante que parecia uma crise de asma.

E ainda: mais de 1.200 metros quadrados espalhados por quatro andares (acima do chão). Sete quartos. Oito banheiros. Uma biblioteca toda revestida de nogueira contendo cerca de 6 mil volumes; um terraço com um jardim ornamental e um lago de carpas rebaixado. Todos os pisos em tábuas corridas de carvalho-branco. Lucernas espiando do alto do telhado íngreme de ardósia. Uma cúpula no teto do hall de entrada. Uma profusão de acabamentos exóticos.

Nicky encara a porta da frente, que mantém represada toda essa elegância, toda essa grandiosidade. E, em algum lugar lá dentro, encontra-se o autor que mais a intriga. Ela fica animada feito criança.

Treze degraus se erguem numa superfície lisa de mármore. Nicky os examina e endireita os ombros. Tem um corpo leve porém musculoso e definido: começou a praticar boxe há cinco anos. Nicky Hunter, uma pessoa feliz, a manteiga derretida que abraçava todo mundo, descobriu um talento para bater.

Ela empunha a mala de couro, encaixa a de rodinhas debaixo do outro braço e galga os íngremes degraus da frente.

No patamar da escada, deixa as duas bagagens no chão. Uma aldraba de bronze escuro se destaca na porta: um ponto de interrogação rebuscado com extravagância e mais largo na parte de cima, como uma cobra naja. Nicky acompanha sua curvatura com a mão, em seguida mira um dedo na campainha.

O toque ecoa e se cala.

Prezado Sr. Trapp: O senhor não me conhece, mas encontrei o que talvez seja um erro no seu romance...

O clique rápido de uma fechadura. Nicky recua um passo.

A porta se abre.

E ali, na sua frente, contra uma luz de fundo cor de âmbar, está parada a mulher mais linda que ela já viu.

3.

ENQUANTO ELA LHE SERVE CHÁ PRETO, Nicky a observa.

Ela parece iluminada por dentro, uma mulher-lanterna. Tem 40 e poucos anos, cílios compridíssimos e lábios bem desenhados. O cabelo solto cascadeia por cima de um ombro. Um vestido azul-claro discreto; uma mulher discreta, apesar de toda a beleza: um sorriso tímido, uma perna cruzada de maneira recatada por cima da outra. A voz é baixa (“Leite ou açúcar?”), como se estivesse empoeirada pela falta de uso.

Diana ergue os olhos, e os de Nicky correm abruptamente pela sala: o papel de parede estampado com borboletas, as luminárias de pé ladeando os sofás, o lustre em miniatura. Através de duas portas envidraçadas consegue ver o pátio, mortiço à luz que começa a diminuir. Apoiada numa das paredes, há uma estante estreita; sob seus pés, um tapete persa puído com estilo. *Somos ricos desde sempre.*

Ou pelo menos há bastante tempo.

– E a viagem...?

A pergunta não se conclui. O sotaque de Diana é como a neblina: inglês e suave nas bordas.

– Turbulenta.

– Desde Nova York?

– Desde o aeroporto. Não dava pra ver um palmo à frente do nariz. Tive a sensação de estar sendo levada para algum lugar misterioso. Como em “O polegar do engenheiro”.

Diana assente com educação.

– De Sherlock Holmes – acrescenta Nicky.

– Ah.

– É sobre um engenheiro... não, obrigada; só leite. Um engenheiro que viaja da estação de trem até uma casa misteriosa a vinte quilômetros de distância. As janelas da carruagem estão tapadas, e a viagem parece não acabar nunca. Então seus clientes na casa tentam matá-lo. Com uma prensa hidráulica. *Aí* Sherlock deduz que a casa na verdade ficava ao lado da estação. A viagem de carruagem tinha sido de mentira: o engenheiro tinha sido levado por 10 quilômetros e trazido de volta.

Diana franze os lábios.

– Confesso que não sou tão fanática por livros de mistério quanto você.
– Seu tom soa mesmo como uma confissão. – Quanto vocês. – Ela então franze o cenho. – Não digo *fanática* no mau sentido.

– Não levei no mau sentido. O que você gosta de ler?

Diana cita um ganhador do Nobel e dois autores franceses.

– A gente não tem nada em comum – diz Nicky.

– Bom, eu lecionei francês por anos. Latim também. Mas já li alguns dos seus trabalhos... o ensaio sobre Edgar Allan Poe, lembro, e sobre Ngaio Marsh. Você tem um toque bem humano. Acho que a nossa tendência é achar que os autores de livros de mistério são todos assassinos, não é? Assassinos frustrados? Mas o seu texto me fez querer conhecê-los. E ler os livros deles também. – Ela toma um gole. – E você orienta escritores de mistério?

– Eu dou um seminário sobre literatura policial no semestre da primavera. Tirando isso, os alunos podem escrever o que quiserem. Em geral, ficção literária. Eu os lembro de que muitos dos grandes romances americanos são histórias policiais. *Lolita*. *O sol é para todos*. *Filho nativo*. *O grande Gatsby*... é um romance de detetive. Ele não usa distintivo nem chapéu fedora, mas mesmo assim está tentando solucionar um mistério.

Diana bebe um golinho do chá. Nicky encara o próprio colo e remove um pelo de cachorro de um joelho. Promete a si mesma que vai falar menos.

– Ah... eu trouxe um presente – diz ela, falando mais ainda e abrindo o zíper da bolsa. – Não consegui embrulhar muito bem...

Apesar de ter passado quarenta minutos tentando, esticando a língua para fora entre os dentes como se fosse uma criança tentando colorir dentro das linhas.

É bem óbvio que se trata de uma lupa, mas Diana tem a elegância de comentar “o que será?” antes de abrir o embrulho.

– Ah, que bonita... que cabo lindo. É de cobre? De quando é?

– Do começo dos anos 1920.

– Ele vai adorar.

– Era o mínimo que eu podia fazer, mesmo. – Nicky fica olhando o vapor brincar na superfície do seu chá. – Sou muito grata a vocês – ela se ouve

dizer, e ergue os olhos para Diana. – Isso está sendo um... um privilégio realmente extraordinário.

Um sorriso, um levíssimo movimento dos lábios.

– Você já trabalhou em algum projeto assim antes? – pergunta Diana. – Uma... biografia particular? Só para os mais próximos? – Ela faz um gesto em direção a si mesma, um tanto hesitante, como se não tivesse certeza de ser de fato “próxima”. – Existe alguma expressão adequada?

– Nunca. E não que eu saiba.

– Essa mudança de última hora é a cara do Sebastian. Eu sugeri... espero que você não leve a mal... mas sugeri que ele mesmo escrevesse, só que... – Ela deu de ombros. – Ele está preocupado de não ter tempo para escrever direito. Além do mais, só tem o próprio ponto de vista. Quer um registro com... – Mais uma vez a frase se apaga feito um fósforo.

– Com múltiplos narradores – sugere Nicky.

– Exato.

– Como ele está?

O pires tilinta quando Diana o deixa em cima da mesa.

– Pelo visto, a falência renal não mata até... até matar. A pessoa não cai propriamente dura, mas as coisas seguem praticamente normais até o fim. Com mais sonecas. Então alguns meses. Mais ou menos.

Nicky assente.

– Embora eu tenha aprendido a nunca subestimá-lo – diz Diana, alisando uma das canelas com as duas mãos. – Além do mais, ele está muito ansioso pra te conhecer.

– Ah, não tanto quanto eu.

– Isso vocês dois podem discutir. Ele adora um parceiro de debate.

O gongo de um relógio soa em algum lugar fora da sala. Diana olha seu relógio de pulso.

– Você já comeu?

– Eu bem que aceitaria um sanduíche – admite Nicky. – Ou um ovo frito.

– Que tal os dois? Posso preparar um croque madame pra você – diz ela com o sotaque de uma nativa, alisando o vestido ao se levantar – Um sanduíche pretensioso de presunto e quei...

E então uma onda se abate sobre a sala.

Ela preenche, inunda o ambiente. Nicky imagina que a mobília vá começar a flutuar, carregada por uma maré de som. Fica esperando as janelas estourarem, o barulho jorrar, o lustre balançar e fazer chover cristais.

– *Traga a menina aqui!*

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

